

ESTRATÉGIAS PRAGMÁTICAS DE PRODUÇÃO DE HUMOR EM CARTUNS

Maria da Penha Pereira Lins (UFES)

PRAGMÁTICA E INTERAÇÃO

Diferentemente dos estudos sobre uso da língua do ponto de vista dos recursos puramente estruturais efetivados pela lingüística tradicional, os estudos pragmáticos vão deter suas observações no uso da língua condicionado pelas diversas situações sociais.

Para Cristal (1985), Pragmática refere-se “ao estudo da língua do ponto de vista dos usuários, em especial as escolhas feitas, as restrições encontradas ao usar a língua em intenção social e o efeito de seu uso sobre outros participantes em um ato de comunicação.” Para ele, o foco acha-se numa área entre a Semântica, a Sociolingüística e o Contexto extralingüístico. Afirma, ainda, o autor que a Pragmática veio também a ser caracterizada como o estudo dos princípios e prática do desempenho conversacional – englobando todos os aspectos do uso e entendimento da língua, e o fato de ela ser apropriada ou não.

Tratando da produção de significados no uso da língua, Reyes (1998) afirma que a Pragmática se ocupa de estudar o significado lingüístico, mas não o significado das palavras isoladas do contexto, e sim o significado das palavras (ou orações, ou fragmentos de orações) usadas em atos de comunicação. O significado do falante, e se caracteriza por ser intencional e depender das circunstâncias em que se produz o ato da palavra. A autora explica que as palavras que usamos constituem quase sempre um esboço, um rascunho aproximado, um guia impreciso e mutante segundo a ocasião, guia que tem a virtude de suscitar certas imagens mentais em nossos interlocutores. Se essas imagens coincidem com aquelas que queríamos provocar, consideramos que conseguimos nos comunicar.

Green (1996) considera que a interpretação mais adequada do que é Pragmática é que é o “estudo da interpretação das ações intencionais do homem”. A autora afirma que as noções centrais da Pragmática devem incluir crenças, intenções (ou propósito),

planejamento e ação. Levinson (2007), ao tentar uma definição, entre outras, faz um resumo das definições citadas anteriormente, quando afirma que a Pragmática é o estudo da linguagem a partir de uma perspectiva funcional, isto é, ela tenta explicar facetas da estrutura lingüística por referência a pressões e causas não-lingüísticas.

Deste modo, a análise dos mais diversos gêneros textuais pode ser efetuada a partir da variedade de tópicos de que a Pragmática pode lançar mão. Assim, um debate, por exemplo, pode ser visto sob a caracterização da organização da conversação indo além de seu aspecto simplesmente estrutural. Sobre isso, é providencial lembrar Marcuschi (2002) que afirma que “a montagem das diferentes estratégias, processos e organizações (do processo interacional) não tem em vista mostrar que as coisas devem dar-se assim, mas servir de chave para compreender o que está ocorrendo quando não é assim.”

Isso significa que na compreensão dos sentidos na interação há que se levar em conta toda a rede de inferências que vai estar presente nas dadas situações de comunicação.

O DITO E O IMPLICADO: O PRINCÍPIO DA COOPERAÇÃO

Quando falamos, ou escrevemos, ou desenhamos, o que queremos comunicar pode ser mais do que falamos, escrevemos, desenhamos. O que comunicamos é determinado pelas condições de verdades literais de nosso enunciado. O que queremos comunicar com aquilo que dizemos depende do conteúdo do dito e de outros tipo de fatores. Uma das tendências mais importantes da Pragmática é estudar a relação entre o dito e o implicado. Uma das teorias que se prestam a esse tipo de estudo é a teoria de Grice (1975), que trata das condições que governam a conversação.

Considerando o significado convencional das palavras – o que se diz e as implicaturas – o que se quer dizer, Grice (1975) afirma que, ao contrário do que possa parecer, nossos diálogos são esforços cooperativos reconhecidos. Cada participante reconhece neles um propósito comum ou um conjunto de propósitos que orienta a direção da conversa. Esse propósito pode ser fixado no início (uma questão para discussão) ou durante o diálogo.

A partir dessas observações, Grice formula o Princípio da Cooperação: “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado”.

Para esse princípio, estabeleceu quatro máximas que representariam as regras da conversação. São elas:

Máxima da Quantidade

1. Faça sua contribuição tão informativa quanto for requerido (para o propósito corrente da conversação)
2. Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido

Máxima da Qualidade

1. Não diga o que você acredite ser falso
2. Não diga senão aquilo para que você possa oferecer evidência

Máxima da Relação

1. Seja relevante

Máxima do Modo

1. Evite obscuridade de expressão
2. Evite ambigüidade
3. Seja breve
4. Seja ordenado

Grice (1975) observa, ainda, que a violação deliberada de qualquer uma das máximas é um recurso de que o falante dispõe para transmitir informações que estão além do sentido literal das sentenças. Esta situação gera uma implicatura conversacional. No entanto, quando uma implicatura conversacional é gerada, o Princípio da Cooperação não está sendo contrariado, pois a máxima está sendo utilizada.

Muitas das implicaturas que nós regularmente fazemos envolvem aparentes violações da máxima da relação. Há casos em

que a máxima “Seja Relevante” parece estar sendo desrespeitada, entretanto quando o que é dito é corretamente entendido, na medida em que se percebe que o que era aparente irrelevante é, de fato, relevante, verifica-se que a máxima não está sendo violada.

Essa estratégia é utilizada com frequência em textos que têm o propósito principal de produzir humor. Pode-se violar qualquer uma das máximas com vistas a atender aos quesitos característicos da linguagem do humor. Nesse caso, um significado adicional é veiculado via implicatura (Yule, 1996).

O CARTUM E AS MÁXIMAS CONVERSACIONAIS

O gênero cartum representa um tipo de evento comunicativo muito presente na vida cotidiana, utilizado quase sempre para fazer uma crítica social ou dar algum ensinamento a partir do efeito construído pela situação humorística encenada. Por isso, apresenta-se como um material excelente para estudo qualitativo e interpretativo dos códigos que o compõem. Veiculado sempre no caderno dois de jornais ou como peça essencial em festivais relacionados a textos de humor, normalmente são lidos, por todo tipo de pessoas, como uma leitura de diletantismo.

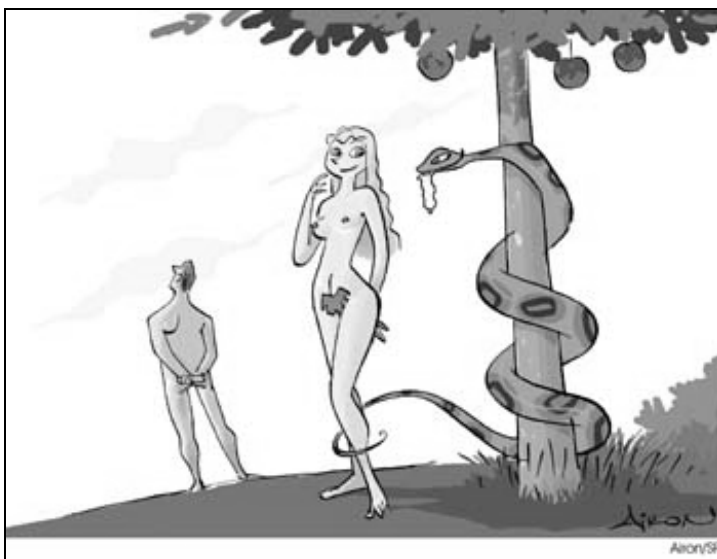
Assim, observar como se estruturam e como produzem sentido esses textos que já estão no gosto dos leitores em geral, significa buscar entendê-los mais aprofundadamente e usá-los de forma utilitária nas atividades de formação educacional, indo além da explicação do que gera o riso.

Por estar inserido na classificação de textos da mídia, que é reconhecida como “um processo de produção plena de formas culturais e se afirmar no espaço cultural como um dos suportes mais visíveis das representações de identidades” (Soulares, 1996), o gênero cartum vincula-se à vida cultural, no sentido de que contribui para organizar a atividade comunicativa do dia-a-dia, e o entendimento aprofundado de suas peculiaridades poderá acarretar perspectivas de uso no processo educacional.

Os cartuns selecionados para esta análise fazem parte do conjunto de textos humorísticos expostos durante o I Festival

Internacional do Humor DST e Aids, de autoria de cartunistas brasileiros e estrangeiros. No total, esse corpus compreende uma edição do Jornal O Pasquim, nº 100, Especial sem Aids, no qual são apresentadas trinta e quatro peças entre cartuns e quadrinhos, de autores brasileiros, uma crônica de Márcia Vilela, uma reportagem sobre a Organização Viva Cazuza, uma entrevista feita com o Doutor Jairo Bouer, conhecido sexólogo, um ensaio intitulado O Dia da Cura, de Alexandre Grangeiro e uma apresentação do jornal, feita por Ziraldo. Constitui, ainda, parte dos dados três peças fotográficas, um encarte contendo dezessete cartuns de autores brasileiros e estrangeiros, um cartão-jogo imitando o conhecido “Onde está Wally?”, com o nome brasileiro de “Onde está a Aids?” e uma pequena revista em quadrinhos sobre a conhecida personagem Radical Chic, criada por Miguel Paiva.

A seguir apresenta-se análise de três cartuns constituintes do corpus acima citado. O Cartum nº 1, mostrado abaixo, de autoria de Airon, encena a conhecida história de Adão e Eva no paraíso, porém em contexto diferenciado, uma vez que veiculada na linguagem do humor.



Cartum nº 1

No que diz respeito à obediência ou não das máximas conversacionais (Grice, 1975), pode-se detectar que a máxima da quantidade é plenamente obedecida, uma vez que não há elementos a mais do que os necessários para contar a história. Já em relação à máxima da qualidade, há uma ruptura: a história não é contada como o narrado pela bíblia. No cartum em questão, a maçã oferecida a Eva pela serpente é substituída por um preservativo conhecido como camisinha. Essa ruptura se faz no sentido de evidenciar a máxima da relevância, porque o enfoque principal é a abordagem sobre a prevenção de doenças sexuais. Isso gera uma implicatura que leva o leitor a inferir sobre a principal intenção do autor ao produzir o texto. Desse modo, a mudança de contexto de uma história religiosa, séria, para um ambiente de humor, uma piada, mostra a relevância a ser apreendida pela leitura: o ensinamento sobre a necessidade de prevenção contra as DST.

No que diz respeito à máxima do modo, o texto do Cartum conta a história e evidencia um ensinamento de modo indireto, levando à inferência na captura do sentido. Esse fato é característico da linguagem do humor. Em referência a isso, Possenti, ao analisar o efeito do humor em piadas, afirma que “o que caracteriza o humor é muito provavelmente o fato de que ele permite dizer alguma coisa mais ou menos proibida, mas não necessariamente crítica, no sentido corrente, isto é, revolucionária, contrária aos costumes arraigados e prejudiciais” (Possenti, 2000). Assim, a história contada dentro de um contexto humorístico permite uma abordagem descontraída de um assunto religioso, principalmente porque trata do tema sexo.

No Cartum de nº 2, de autoria de Santiago, apresentado a seguir, a implicatura está na composição do texto como um todo. A personificação do órgão sexual masculino e a inclusão da música Com que roupa que eu vou? Constrói o sentido contextual.



Cartum nº 2

A máxima do modo, que supõe clareza e objetividade é rompida no texto acima, na medida em que o autor narra o fato pela indiretividade. O cenário, composto por um armário em que as

roupas são substituídas por um conjunto de camisinhas de cores diferenciadas e do protagonista cantando uma música referente à escolha de traje, mostra o personagem principal, o pênis, em dúvida em relação à qual “roupa” vestir para ir se divertir. O contexto mostra que a alternativa a ser tomada é escolher uma das “roupas”. Não há a opção de não escolher nenhuma delas. Então é observada a máxima da relevância: Para se ir “ao samba” é necessário ao personagem (pênis) vestir necessariamente uma de suas “roupas”. Na relevância, o ensinamento: numa situação que virtualmente possa levar a uma relação sexual, o pênis nunca deve estar “desnudo”, o uso do preservativo deve ser feito em qualquer circunstância e em qualquer lugar. Assim, o valor social que é dado pela sociedade à escolha do traje a ser usado nos mais diversos eventos sociais compara-se, aqui, ao valor dado ao uso do preservativo. A polifonia do termo “roupa” remete não só a traje, como também à camisinha e o termo samba, além de referir à dança brasileira, refere-se também à relação sexual. Esse jogo polissêmico, característico da linguagem do humor, é jogado interativamente na relação autor/ leitor, numa intergenericidade que insere o gênero composição musical no interior do gênero cartum.

Neste Cartum as máximas da qualidade, da quantidade e do modo são postas em situação secundária, a fim de pôr em proeminência a máxima da relevância, que ao ser priorizada mostra a intenção de levar um conselho, um ensinamento ao interlocutor.

O terceiro cartum analisado é de autoria de Son Salvador. A interpretação da cena mostrada só é compreendida se a implicatura for vista em duas direções: da inferência a ser feita a partir da fala do personagem infantil (menino) “ele usou camisinha” e da percepção da integenericidade obtida com a combinação do gênero conto infantil com o gênero cartum.



Cartum nº 3

Na composição do texto deste Cartum pode-se afirmar que todas as quatro máximas conversacionais não são observadas no que se refere ao Princípio da Cooperação. A quantidade de elementos usados na narrativa pode não ser suficiente para a compreensão do que o autor está a dizer. A qualidade também não é obedecida na medida em que a história contada pela vovozinha não é a história que as crianças percebem. A máxima do modo não é, também, observada, uma vez que o modo de contar o fato se faz indiretamente, por composição mista de gêneros, e a história só pode ser entendida se atendidas várias suposições inferenciais implicadas.

A ambigüidade que cria a implicatura dá o tom do discurso da interação encenada: o sentido dado à fala “o lobo comeu a vovozinha, mas a história acabou bem” tem sentido distinto para a vovó que lê a história e para as crianças que a ouvem. Desse modo, o verbo comer marca uma duplicidade de sentido: comer refere-se a alimentar-se no entender da vovó e refere-se a ter relação sexual na compreensão das crianças, o que causa graça porque põe a crianças tendo uma interpretação do texto que, em princípio, só seria de percepção de um adulto. Também a fala “acabou bem”, feita em

cochicho, mostra essa mesma distorção de significados: para a vovó significa que a vovozinha da história de Chapeuzinho Vermelho não morreu, mas, para as crianças, significa que a saúde foi preservada, porque o uso da camisinha preveniu contra doenças sexuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que muito da comunicação verbal e visual é expresso de modo indireto, o que pode criar para o leitor um obstáculo potencial no curso da comunicação, conforme se verifica ao interpretar cartuns. Essa comunicação indireta representa, por outro lado, um risco para o autor do texto, porque a mensagem real pode não ser identificada, ou pode ser ignorada. Em qualquer evento comunicativo, há muito mais do que uma simples troca de códigos, sejam verbais e/ou não verbais: há um jogo social, e os leitores devem ficar a par das regras desse jogo para poderem jogá-lo convenientemente. Como vimos, a Pragmática oferece ferramentas para a interpretação desse tipo de mensagem.

A teoria das implicaturas conversacionais de Grice (1975) leva em conta a necessidade de o leitor (ou ouvinte) co-partilhar o pacto comunicativo e observar como as mensagens são construídas e interpretadas se o ato comunicativo for bem sucedido e eficiente. As quatro categorias de máximas estabelecidas caracterizam essa cooperação: o leitor (ou ouvinte) assume que o autor (ou falante) está falando (ou escrevendo, ou desenhando) algo que é relevante para o estado corrente do ato comunicativo, informando nada de mais nem de menos do que o necessário, comunicando claramente, evitando obscuridade ou ambigüidade. Assim, quando esses elementos aparecem no evento comunicativo, o leitor (ou ouvinte) reconhece que precisa buscar a implicatura para inferir sobre a mensagem transmitida, porque o autor pode deliberadamente violar uma máxima, ou mais, com o objetivo de tornar mais fácil o esforço referente às expectativas de cooperação do leitor (ou ouvinte), na busca das filigranas de sentido.

Na análise de textos de humor a busca do que faz a graça não é bem explicada se apenas observar-se os elementos estruturais do texto, focalizando jogos de palavras ou ambigüidades. As noções

pragmáticas de implicaturas conversacionais propicia uma análise mais aprofundada, porque leva em conta o sentido criado no interior do processo de interação entre interlocutores, na partilha de conhecimentos internalizados, sejam esses conhecimentos de ordem social, cultural ou lingüística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRYSTAL, D. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro. Zahar, 1988.

BROWN, P. e LEVINSON, S. *Politeness. Some universals in language use*. Cambridge: Cambridge University Press. 1987.

GREEN, Geórgia M. *Pragmatics and natural language understanding*. 2nd. ed. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers. 1996.

GRICE, Paul. *Studies in the way of words*. Harvard: Harvard University Press, (1975) 1989.

LEVINSON, Stephen C. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press. 2007.

LINS, Maria da Penha P. *Estratégias de produção de humor: um estudo de enquadres e alinhamentos em Mafalda*. Vitória: Grafer. 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. 2002.

POSSENTI, Sírio. *Humores da língua*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

REYES, Graciela. *El abecé de la pragmática*. Madri: Arco/Libros. 1998.

YULE, George. *Pragmatics*. Oxford. Oxford University Press, 1996.